

A CULPA, A REENCARNAÇÃO E OS NOVOS PARADIGMAS DA CIÊNCIA

GUILT, REINCARNATION AND THE NEW PARADIGMS OF SCIENCE

Desirée Varella Bianeck ¹

Resumo

O presente artigo problematiza sobre a questão da culpa e seu entendimento em âmbito religioso no que tange a concepção da reencarnação, considerando relevante objetivar a cisma entre a objetividade das ciências positivistas e o objeto de estudo das chamadas humanidades. Abordando o tema da reencarnação, pretende abrir caminho para um pensamento anti- hegemônico e emergente acerca da separação entre religião e ciência e a natureza da ciência da psicologia, ocidental e oriental. Parte-se do pressuposto que a emergência de novos paradigmas para as ciências de modo geral, afetarão a psicologia ampliando as visões nela existentes permitindo seu crescimento e enriquecimento por meio de parâmetros diferentes para o estudo do homem/natureza/sociedade.

Palavras-chave: psicologia, culpa, reencarnação, paradigma.

Abstract

This article examines the question of guilt and its understanding in the field of religion regarding the design of reincarnation, considering relevant to objectify the division between the objectivity of positivist sciences and the object of study of so-called humanities. Addressing the theme of reincarnation, it intends to make way for an anti-hegemonic and emerging thinking about the separation between religion and science and the nature of the Eastern and Western science of psychology, Eastern. It starts with the assumption that the emergence of new paradigms for the sciences generally affect the psychology of expanding her existing views allowing their growth and enrichment through different parameters for the study of man/nature/society.

Keywords: psychology, guilt, reincarnation, paradigm.

¹ Psicóloga pela UFPR. Pós Graduada em Psicologia Clínica pela PUCPR. Psicoterapeuta Reencarnacionista pela ABPR. Mestranda em Filosofia pela PUCPR. Contato: desireebianeck@yahoo.com.br

1 - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Na complexa contemporaneidade, quantos donos da verdade aparecem para dizer que a religião tem que ser de determinado modo, quase sempre elitista e misterioso. Nas ciências não é muito diferente. E o que inviabiliza (interdita) o (qualquer) diálogo é a ação de um sujeito que é educado para saber somente de si e de sua performance somado com a intolerância e o preconceito sobre o que é diferente (a somatória do egoísmo com a intolerância, disfarçados ou descarados).

O sociólogo português Boaventura Souza Santos (1985) considera que a humanidade se encontra em uma crise do paradigma dominante da ciência que, para ele, desenvolveu-se a partir das ciências naturais desde o século XVI.

O que é considerado “científico” hoje se tornou um modelo de racionalidade global que se defende contra o que chama de ‘irracionalidades’, quais sejam: o senso comum e as humanidades (estudos históricos, filológicos, jurídicos, psicológicos, literários, filosóficos e teológicos).

Dentro dos cursos de psicologia no Brasil, pouco se debate sobre novas ciências ou terapêuticas alternativas, onde se insiste no que o mercado precisa ou no que tem sido feito sem muitos questionamentos, pois pouco se questiona sobre esses novos lugares.

Nas instituições privadas é ainda pior, pois a natureza mercadológica amplia ainda mais as questões postas anteriormente. Tende a ser reprodutivista do modelo hegemônico sem na realidade ser considerada participante.

Apenas algumas linhas dentro da Psicologia podem ser avaliadas dentro dos parâmetros positivistas da ciência dominante, ainda que de forma inconsciente esforce-se pela manutenção e propagação por meio de disputas internas sobre a real cientificidade de cada uma.

O paradigma dominante da ciência baseia-se na Teoria Heliocêntrica dos planetas de Copérnico, nas leis sobre as órbitas dos planetas de Kepler, nas leis sobre a queda de corpos de Galileu, na síntese da ordem cósmica de Newton e no ‘penso, logo existo’ de Descartes.

A natureza é tida como passiva, eterna e reversível, mecanismo cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis. Não há nela qualquer qualidade que impeça a racionalidade humana de desvendar os seus mistérios, *desvendamento que não é contemplativo, mas antes activo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar. Como diz Bacon, a ciência fará da pessoa humana “o senhor e o possuidor da natureza”* (Santos, 1985/86, p. 4).

A matemática entra aqui, agora despossuída do caráter místico dos pitagóricos (sobre os quais falaremos mais tarde), como instrumento de conhecimento desta natureza e o que não é quantificável tornou-se cientificamente irrelevante.

Para o autor, as humanidades sobreviveram graças a duas saídas estratégicas: ou aplicaram as leis naturais para com seus objetos de estudo ou reivindicaram uma especificidade para o ser humano criando leis científicas próprias. Destaca, porém, que em ambos os casos, as humanidades permaneceram fazendo distinção homem/ natureza, portanto, fazendo parte do paradigma dominante de ciência.

A crise deste paradigma nasce com as crises teóricas surgidas no seio da ciência dominante. As teorias de Einstein sobre tempo e espaço relativos que contraria o tempo e espaço absolutos da física de Newton e a Mecânica Quântica, onde Heisenberg e Bohr demonstraram que *não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, e a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que lá entrou.*

Cai a confiança absoluta de que a natureza seja eterna e imutável, base dominante.

Este princípio, e, portanto, a demonstração da interferência estrutural do sujeito no objeto observado, tem implicações de vulto. Por um lado, sendo estruturalmente limitado o rigor do nosso conhecimento, só podemos aspirar a resultados aproximados e por isso as leis da física são tão-só probabilísticas. Por outro lado, a distinção sujeito/objeto é muito mais complexa do que à primeira vista pode parecer. A distinção perde os seus contornos dicotômicos e assume a forma de um continuum (Santos, 1985/86, p. 4)

Dentro da matemática, alicerce da ciência dominante, surge problemas que a própria matemática não consegue decifrar. Avanços na microfísica, química e biologia que trouxeram a luz teorias e conceitos de imprevisibilidade, auto-organização, irreversibilidade, evolução, sistema, processo, desordem, necessidade, criatividade, acidente.

O paradigma da ciência dominante teve seu início com a crise da influência da Igreja Católica perante os assuntos laicos, teve seu auge e a crise prenuncia uma nova forma de ciência. Como toda mudança cultural, em tempos de crise os elementos se misturam, conflitam-se até que novo comece sua ascensão.

O discurso do sociólogo proferido em 1985 (26 anos atrás) prenunciava o que hoje ganha cada dia mais espaço. O imponderável e o imprevisível como objeto possível de ciência, veio muito mais tarde, influenciar o surgimento da física quântica.

Neste paradigma emergente, comportamentos antes considerados específicos do ser humano são creditados a orgânicos e inorgânicos e as chamadas humanidades

devem conservar seu caráter de não distinção homem-natureza e não pretenderem a manipulação desta, mas devem modificar-se no tocante ao seu fechamento em guetos, creditado a uma tentativa de sobrevivência à ciência vigente. Estas devem pôr-se a serviço de uma reflexão global, deixando de defender os seus limites teóricos.

Ilya Prigogine, por exemplo, fala da “nova aliança” e da metamorfose da ciência. Fritjof Capra fala da “nova física” e do Taoísmo da física, Eugene Wigner de “mudanças do Segundo tipo”, Erich Jantsch do paradigma da auto-organização, Daniel Bell da sociedade pós-industrial, Habermas da sociedade comunicativa. Eu falarei, por agora, do paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente. Com esta designação quero significar que a natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente da que ocorreu no século XVI. Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente) (Santos, 1985/86, p. 13).

O debate entre ciência e religião, as posições extremistas em nada ajudam o diálogo. Argumentos passionais e corporativistas tentam interditar o diálogo e valorizar as discussões parciais.

O conhecimento que não se transforma em benefício para todos e ao contrário destrói cada vez mais o meio ambiente, considerando-o ente externo e subjugável, tornou-se pedra no caminho da humanidade. Destruímos em 100 anos mais do que em milhares de anos, a nós todos, pois não existe a natureza que não inclua o homem e não há homem que não inclua a humanidade inteira.

Recentemente pesquisas e trabalhos acadêmicos têm registrado com ênfase a importância da fé e da religião na busca da

melhora da saúde de muitos pacientes. E neste momento não se fez ainda uma análise profunda das diferentes e antagônicas posições que co-habitam o campo religioso.

A ilusão da imparcialidade da ciência há tempos é questionada e as ideologias e intenções que promovem a busca são encoberdas, escondidas ou maquiadas, *este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos.*

A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado. Não se trata do espanto medieval perante uma realidade hostil possuída do sopro da divindade, mas antes da prudência perante um mundo que, apesar de domesticado, nos mostra cada dia a precariedade do sentido da nossa vida por mais segura que esteja ao nível da sobrevivência. A ciência do paradigma emergente é mais contemplativa do que ativa. A qualidade do conhecimento afere-se menos pelo que ele controla ou faz funcionar no mundo exterior do que pela satisfação pessoal que dá a quem a ele acede e o partilha(...) A consagração da ciência moderna nestes últimos quatrocentos anos naturalizou a explicação do real, a ponto de não o podermos conceber

senão nos termos por ela propostos. Sem as categorias de espaço, tempo, matéria e número – as metáforas cardeais da física moderna, segundo Roger Jones – sentimo-nos incapazes de pensar, mesmo sendo já hoje capazes de as pensarmos como categorias convencionais, arbitrárias, metafóricas. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia (Santos, 1985/86, p. 13-14).

Portanto, abordar a culpa a partir do campo religioso permite compreender a identidade de um povo e como se instituiu uma cultura diante das subjetivações possíveis a partir de determinada concepção do sagrado.

Antes de contextualizar a culpa no campo religioso, faz-se necessário delimitar sob que posição será abordada o referido campo. Há uma disparidade ímpar na definição deste campo por neo-pentecostais, católicos e umbandistas, para citar três exemplos. E, portanto, a culpa é simbolizada e vivenciada de formas distintas e antagônicas nessas perspectivas.

2 - A PERSPECTIVA REENCARNACIONISTA

A influência de Pitágoras

Pitágoras foi considerado um dos primeiros a defender a hipótese da reencarnação. Não se sabe ao certo nem mesmo se existiu, mas tomam-se os escritos de Porfírio e Jamblico (séc. III d.C) para seu estudo. Teria fundado a escola filosófica pitagórica em torno de 540 a. C.

Um dos princípios filosóficos da escola pitagórica era a imortalidade da alma e conseqüentemente a possibilidade de aper-

feiçoamento por meio de múltiplas vidas. Acreditava no autocontrole e vigilância sobre os impulsos e vícios, já que estes atrasavam o progresso do homem à perfeição, o que levaria ao livramento da roda dos nascimentos. (Chauí, 2002, p. 65).

Segundo o Orfismo (culto a Orfeu) que vigorou entre os séculos VI e VII a.C., e que influenciou profundamente Pitágoras, todos os seres humanos carregam em si uma potência divina e uma “culpa originária”. O *daimon* ou *daimonon* (alma, espírito ou potência divina) teria encarnado originalmente para expiar sua culpa e passaria por esta experiência inúmeras vezes até que a expiasse completamente.

Nessa dinâmica, a finalidade da alma era o eterno retorno à divindade e ao sagrado e, a partir daí, as sucessivas reencarnações teriam por objetivo a purificação desta culpa.

Renascer significava uma bênção pela possibilidade de reparação, mas deveria ser vista como uma passagem já que a recompensa final era a libertação da necessidade de reencarnar. O Orfismo também pregava a necessidade da prática do bem e privação de alimentos como a carne, do vinho e contatos sexuais, para que a purificação ocorresse.

Pitágoras viveu até quase 100 anos deixando vários discípulos, outros foram perseguidos e mortos por sua crença. A comunidade pitagórica de Crótona foi incendiada e a partir disto passou a peregrinar pela Itália. Mesmo perseguido por suas idéias continuou ensinando até sua morte. Seus principais discípulos foram Filolaus de Tarento (470 a.C – 390 a.C)), Arquitas de Tarento (470 a.C) e Hipasus de Metapontum (viveu por volta de 400 a. C). Deixou influências em Demócrito de Abdera e Platão.

A Influência de Platão

Platão foi profundamente influenciado por amigos da escola pitagórica. Defendia que a alma dos mortos, após passarem

pelo reino de Hades ou reino dos mortos, retornava ao mundo dos vivos para reviverem inúmeras vezes até a purificação total. Para ele a alma era uma essência autônoma e preexistia ao corpo, sendo portanto este apenas um veículo, um meio pelo qual a alma aprimorava-se.

O mundo das idéias seria uma esfera superior onde a alma poderia ter contato com as verdades eternas conhecidas apenas pelas divindades e alcançado por meio da aprendizagem somatória das encarnações sucessivas. (Bigheto, 2010) Essas idéias podem ser encontradas principalmente em seus diálogos Menon, Fédon, Fedro e a República.

A influência de Giordano Bruno

Giordano Bruno foi monge dominicano da Igreja Católica Apostólica Romana no sec. XVI e foi queimado na fogueira com 52 anos de idade por suas idéias heréticas, dentre elas a de que após a morte, a alma poderia retornar em outro corpo. Além disto, também falava sobre a possibilidade de reencarnar em outros mundos para evolução e contato com Deus. Para ele, no Vácuo (imensidão única e vasta) existiria uma infinidade de mundos como este em que vivemos e nos desenvolvemos. *Consideramos este espaço infinito; nele existem mundos infinitos semelhantes ao nosso* (Prophet, 2003).

Falar em outros mundos àquela época e ainda considerar a religião um meio pelo qual a luz divina exerceria domínio sobre a alma, elevando-a e convertendo-a a Deus de modo que não fosse necessário esperar pelo “fim dos tempos” para isto, certamente foi considerado heresia.

Relativizar a importância da igreja na salvação da alma pregando uma interioridade relacional com a divindade levou ao desfecho de sua morte. Durante o julgamento que o condenou proferiu as seguintes palavras: *Uma vez que a alma não pode ser encontrada sem o corpo e todavia não*

é corpo, pode estar neste ou naquele corpo e passar de corpo em corpo” – (Giordano, 1592).

Giordano Bruno se autodenominava “um cidadão e servo do mundo, um filho do Pai Sol e da Mãe Terra”, tendo sido processado durante sua vida monástica o que o levou a fugir em 1578 para a Itália onde continuou questionando a teologia oficial bem como a protestante.

Ainda podem ser citados outras figuras históricas que defenderam a reencarnação como: ORÍGENES, PLOTINO e SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA.

3 - ANÁLISE E TRATAMENTO DA CULPA NAS TERAPIAS REENCARNACIONISTAS.

Para os psicólogos americanos James Fadiman e Robert Frager muitos psicólogos e outros cientistas foram influenciados de forma substancial por idéias preconcebidas e preconceitos ao analisar o crescimento transpessoal e as experiências transcendentais e religiosas.

As conotações associadas a esses temas levaram alguns a acreditar que tais tópicos são mais artigos de fé do que temas a serem investigados pela Psicologia. (...) É um reflexo da imaturidade da Psicologia, e não de sua sofisticação, o fato dela ter dedicado maior esforço à compreensão da doença humana do que a transcendência humana (Fadiman, 1979, 284).

Para eles, a reencarnação – aqui entendida como uma experiência transcendental da vida humana, corroborada pelos inúmeros relatos e por isso digna de apreciação científica por parte da psicologia e outras ciências – era culturalmente em outras partes do mundo discutida e endossada, pelo menos como uma proposta filosófica coerente.

A reencarnação teve lugar no pensamento ocidental e fazia parte da doutrina cristã até o segundo Concílio de Constantinopla de 533 DC, quando, *por motivos políticos, foi formalmente repudiada pelo clero.* (Fadiman & Frager, 1979, p. 176).

Mauro Kwitko, médico brasileiro e organizador da Psicoterapia Reencarnacionista, uma das terapêuticas baseadas na reencarnação, afirma ser a culpa um dos sentimentos resultantes de ligações inconscientes com experiências do passado. Para ele, a culpa desmedida para a qual não existe explicação lógica, ou seja, o grau de sofrimento incompatível com qualquer ação praticada, tem seu rastro em situações vividas em vidas anteriores e que permanecem como memória em nosso inconsciente. Para tanto entende o inconsciente como resultado da acumulação de todas as experiências pregressas, solo sedimentado pelas vidas que o espírito teve na Terra.

Para esse autor (2010), também a Psicologia e a Psiquiatria atuais são herdeiras da concepção não-reencarnacionista das igrejas prevalentes no Ocidente, originada no II Concílio de Constantinopla, em 533 d.C.

O porquê de a Psicologia oficial não lidar com a reencarnação deve-se à ação do Imperador Justiniano no ano de 533 d.C de conclamar o Concílio de Constantinopla, convidando apenas os bispos do Oriente (não-reencarnacionistas), e decretando que reencarnação não existe, influenciado por sua esposa Teodora, ex-cortesã, filha de um guardador de ursos do anfiteatro de Bizâncio, que para libertar-se de seu passado mandou matar antigas colegas e, para não sofrer as conseqüências dessa ordem cruel em outra vida como preconiza a lei do carma, empenhou-se em suprimir a magnífica Doutrina da Reencarnação. (...) Convenceu seu marido, o Imperador

Justiniano, a convocar este Concílio, que não passou de um encontro que excomungou e maldisse a doutrina da preexistência da alma, com protestos do Papa Virgílio, seqüestrado e mantido prisioneiro de Justiniano por 8 anos por ter se recusado a participar desse Concílio (Kwitko, 2010, p. 17-180).

Ainda que possa ser considerada uma lenda ou não corroborada pela história oficial, tal concepção se alastrou entre muitos estudiosos de fenômenos transcendentais de vida pregressa, de origens de doenças em vidas passadas etc.

Ian Stevenson foi o mais notável pesquisador da reencarnação do séc. XX. Reunindo mais de 2000 casos de lembranças de vidas passadas, analisou aspectos psicobiológicos para comprovação da reencarnação. Segundo Goswami (2005), Stevenson também correlacionou certas fobias a vidas passadas.

Nas teorias psicanalíticas, as fobias são um condicionamento para se evitar certas circunstâncias associadas a experiências traumáticas de infância. Mas há casos em que nenhum trauma ocorreu na infância (...) Na mesma linha, tampouco há explicações genéticas ou ambientais para a confusão de gênero sexual, como a mania de usar roupas do sexo oposto. Por isso, a explicação lógica é que estes são casos de condicionamento que flui de uma vida anterior para a presente (Stevenson 1974, 1987; Guirdham 1978).(...) O importante é perceber que se as fobias são lembretes de condicionamentos traumáticos advindos de outras vidas, a regressão

pode ter méritos terapêuticos. Há evidências de que a recordação de outra existência por meio de hipnose pode ser usada com êxito para fins terapêuticos (Goswami, 2005 p.66).

A primeira vista parece uma contradição a ciência a comprovar os benefícios do religioso para a saúde das pessoas. Parece, mas não é, pois embora tenham suas especificidades e contradições, ambas, ciência e religião, não precisam ser excludentes.

Dentro do campo científico não chega a ser uma novidade, não que a ciência tenha capitulado frente à religião ou que os ateus estejam condenados a curas parciais ou limitadas.

Mauro Kwitko ² nesta linha de pensamento questiona como uma mudança de palavras pode modificar a compreensão de uma situação. Segundo ele, o Conselho Federal de Medicina deveria ser designado como Conselho Federal da Medicina Alopática. Nesta mudança insere-se e expande-se a compreensão, pois medicina não designa apenas a medicina alopática, mas a homeopática, veterinária, fitoterápica etc.

Um caso emblemático foi o da Acupuntura que por muitos anos foi considerada “terapia alternativa”, “sem fundamentação ou experimentação científica” no Ocidente e que passou por uma luta judicial desde 2001 e neste ano de 2012 está proibida de ser exercida por não – médicos alopatas.

Ou seja, a questão é de validade científica positivista ou de interesse mercadológico? Uma vasta legião de terapias complementares e alternativas está atuando de forma a integrar uma visão energética, quântica, espiritual do sujeito ao mesmo tempo que médicos e psicólogos

² Artigo publicado em site (2012) <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=30497>

tradicionais sentem-se tolhidos em seus campos, apesar de saberem dos benefícios alcançados.

Creemos que a pesquisa e o estudo aprofundado devem fazer parte de qualquer atividade terapêutica, psicológica ou assistencial e por isso deveria ser contemplada no âmbito acadêmico.

4 - CONCLUSÃO

Partiu-se neste trabalho de uma perspectiva reencarnacionista deslocada do campo religioso para o científico. É a partir daí que se tentou problematizar a culpa e, espera-se que este trabalho permita problematizar a culpa por meio de perspectivas religiosas reencarnacionistas para entender que influenciava essa perspectiva influenciou ou possibilitou o surgimento de terapêuticas alternativas de análise e no tratamento da culpa.

Para concluir é preciso partir de uma importante constatação: no que tange a ciência brasileira, caminhamos ainda como colonizados à espera da aprovação externa sobre o que deve ou não ser valorizado, de modo que consideramos ainda o conhecimento produzido internamente como produto tupiniquim sub qualificado até que um outro externo, “qualificado” possa atribuir valoração positiva.

Cada vez mais a própria academia tem oferecido estudos e pesquisas que ressaltam de modo intrigante que a crença pode ser medida e seu efeito comprovado, seu efeito no campo da saúde, ou seja, comprova-se que ter fé ou ter uma religião tem um efeito psicossomático benéfico e estimula o fortalecimento do corpo e da mente, mas nenhum estudo sério apontou que os tratamentos científicos alopáticos e tradicionais deveriam ser abandonados ou ficariam em segundo plano.

De certa forma também, a descrença na industrialização da ciência, que define o

que é objeto de investigação válido a partir dos ganhos financeiros que podem acarretar, contribuiu para o questionamento da ciência atual.

As pesquisas recentes ressaltam que a cura tem sido possível pela somatória de vários fatores e contribui para um tratamento integral da pessoa humana. Incentivar diálogos, anteriormente improváveis, parece ser o caminho da saúde em um mundo que a intolerância troca de campo sem perder sua força.

Por fim, pode-se afirmar que ainda que muitos estejam aprofundando-se no paradigma emergente das ciências, aqui abaixo da linha do Equador espera-se os ventos da mudança, de efeito retardado apesar da era da comunicação instantânea estar vigente.

5 - REFERÊNCIAS:

Arribas, C. G. *Afinal, o espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. Dissertação. USP: São Paulo, 2008.

Bairrão, J. F. M. H.. Um repto pragmático à psicanálise lacaniana: Exposição e discussão de um argumento crítico da sua concepção de linguagem. *Revista AdVerbum* 4 (1) Jan a Jul de 2009: pp. 29-37.

Bigheto, A. C. *Educação e Reencarnação em Platão*, In Dora Incontri. *Educação e Espiritualidade – Interfaces e Perspectivas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010, pp. 282-284.

Chauí, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. I. Ed. Ver e ampl. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

Dalgalarrodo, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Rev. Psiq. Clín.* 34, supl 1; 25-33, 2007.

Fadiman, J., Frager, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harper&Row do Brasil Ltda, 1979.

Faria, J. B., Seide, E. Religiosidade, enfrentamento e bem-estar subjetivo em pessoas vivendo com HIV/AIDS. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 155-164, jan./abr. 2006.

Goswami, A. *A física da alma*. São Paulo : Aleph, 2005.

Kwitko, M. *Tratando depressão com terapia de regressão a vidas passadas*. 2ª Ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2009.

_____. *Psicoterapia Reencarnacionista: terapia da reforma íntima*. 2ª Ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2010.

Oliveira, S. Psicanálise e Umbanda: A demonização do exu como interdição simbólica e intolerância religiosa. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010: Florianópolis, 2010.

Paiva, G. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. *Estudos de Psicologia Campinas* 24(1) 99-104 janeiro – março.

Peres, M. F. P; Arantes Ana Claudia; Lessa Patrícia S; Caous, Cristofer. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Rev. Psiq. Clín.* 34, supl 1; 82-87, 2007.

Prophet, E. C. *Reencarnação: o elo perdido do cristianismo*. 6ª. Ed. Nova Era: 2003.

Rodrigues, N. B. - *A interface religião-medicina: concepção de doença espiritual e doença material*. *Alteridades* (Salvador), 1:43-60, 1994.

Santos, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Texto versão ampliada da Oração de Sapiência proferida na abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1985/86.

Vasconcelos, E. M. (org). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. 2ª Ed. São Paulo: Huicitec Editora, 2011.